

As lições de Bebeto

PEDRO CAFARDO

A inflação está a 1.000% mas, por incrível que pareça, não é hora de desespero. A economia do País cresce, o desemprego mantém seu nível histórico, o superávit comercial é espetacular e as empresas investem. Basta ler o noticiário de negócios: os lançamentos de produtos não param.

A capacidade de convivência do Brasil com a hiperinflação começa a desafiar os livros-textos de economia. Por que ainda não caminhamos para o desastre social, para greves generalizadas e saques ao estilo peruano? Os economistas precisam tentar responder com mais seriedade a essa pergunta.

Parece que a indexação total, que reajusta tudo pela OTN e corrige os salários mensalmente, dá à economia uma estabilidade nunca imaginada pelos teóricos para situações como a nossa. As greves, por exemplo, restringem-se ao funcionalismo público, arrochado pelo congelamento da URP. No setor privado, elas não pegam. Exemplo: a paralisação frustrada dos bancários na semana passada.

Tudo isso deveria servir de lição para quem conduz a política econômica, num momento em que a hipótese do choque antiinflacionário volta à discussão.

Medidas heróicas, ortodoxas ou heterodoxas, podem precipitar o apocalipse. Em plena Olimpíada, vivemos na economia situação semelhante à do quarto set da partida de vôlei entre Brasil e Bulgária, quinta-feira. O jogo estava teimosamente empatado. Não conseguíamos vencer, mas o adversário também não avançava muito. O que sugeriu, então, o técnico Bebeto? Só paciência. Nada de heroísmos, choques ou choro. E veio a vitória.

Bebeto não pediu imobilismo. Ao contrário, mandou trabalhar a bola, trocar posições, bloquear com vigor e esperar pacientemente o momento de enterrada final. Se Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu viram o jogo, certamente aprenderam alguma coisa.

Em Brasília, como em Seul, precipitação pode ser o caminho para a derrota.